

# Informe Econômico

**■ CRISTIANO ROMERO**

## As chances do sucesso

*Coluna Brasil*

Observador arguto da conjuntura econômica, o ex-presidente do Banco Central Carlos Langoni acredita que apenas um fato, sobre o qual o Brasil não tem controle, poderá dificultar ou retardar a recuperação da economia brasileira em 1999: a queda da Bolsa de Nova Iorque.

Como se sabe, a economia dos Estados Unidos está começando a entrar num processo de desaceleração, depois de exibir anos de exuberância. O desaquecimento, em algum momento, começará a refletir no desempenho das empresas americanas nas bolsas.

Um fato dessa natureza certamente teria repercussão sobre o Brasil, como se observou nas crises recentes. É bom lembrar que o aumento dos juros nos EUA reduz o fluxo de capital para os mercados emergentes. Principalmente depois da moratória russa, os investidores passaram a preferir a segurança oferecida pelos títulos do Tesouro americano à incerteza dos mercados de países em desenvolvimento.

“Ainda estamos numa fase de transição. Já estamos saindo da UTI (Unidade de Terapia Intensiva), mas é bom saber que continuamos no hospital”, diz Langoni.

O economista observa, de qualquer maneira, que a intensidade e a duração da recessão dependerão da capacidade do Brasil em se ajustar internamente. Os resultados obtidos até o momento pela estratégia de recuperação são inegavelmente positivos. Langoni destaca a atuação do presidente do Banco Central, Armínio Fraga, e de sua equipe na queda da taxa de câmbio, que chegou a bater em quase R\$ 2,30 nos piores momentos e na semana que passou havia caído para algo em torno de R\$ 1,70.

“O Armínio aceitou o conceito de flutuação suja do câmbio, contra aquele conceito que vigorou nos primeiros 30 dias de câmbio livre, e operacionalizou isso, conseguindo o acesso do Banco Central aos recursos emprestados pelo Fundo Monetário Internacional (FMI)”, elogia Langoni.

O ex-presidente do BC lembra ainda que outro fato importante foi o esforço empreendido pela equipe econômica para manter as linhas externas de financiamento interbancário e das exportações. “Isso explica a redução da pressão sobre o câmbio.”

O resultado dessa atuação é que a inflação não explodiu, como se previu inicialmente, e os juros reais (descontada a inflação) estão caindo mais rapidamente. No ano passado, a taxa de juros real média ficou em torno de 30% ao ano. Agora, está entre 15% e 20% – a meta do governo é ter uma taxa média de 10% em 1999.

Langoni chama a atenção para o fato de que, no mercado de câmbio, o risco agora é simétrico para quem pretende especular: o real tanto pode se desvalorizar quanto apreciar em relação ao dólar.

“A recessão por aqui poderá ser mais curta e branda do que no México, na Tailândia e na Coréia (países que também foram obrigados a desvalorizar abruptamente suas moedas). É provável que acabe antes do fim do ano, mas é bom lembrar que ela começou em julho do ano passado”, assinala o economista.

Langoni diz que o BC não pode se antecipar aos fatos. Por isso, ainda deve manter postura conservadora em relação a uma queda mais acentuada das taxas de juros. Há duas dúvidas que ainda pairam no ar, e, portanto, devem ser consideradas na redução dos juros: a eficiência na implementação do ajuste fiscal e o sucesso das privatizações – o governo conta, no acordo com o FMI, com R\$ 27,6 bilhões da venda de estatais para ajudar no ajuste das contas públicas.